



**CONFRARIA NOSSA SENHORA DA PIEDADE
DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA
DA PIEDADE DE PARÁ DE MINAS**

Reconhecida pelo Decreto 79.090 de 04/01/1977
Rua Ricardo Marinho, 110 - São Geraldo - Pará de Minas - MG
CNPJ: 20.923.264/0001-24 - CEP: 35660-398 - Fone: (37)3237-2000
Mantida: Faculdade de Pará de Minas



GLOBISH: substituto da língua inglesa tradicional como língua franca

Carolina Senra Nogueira Pedrosa Morais¹

RESUMO

Objetiva-se, por intermédio do presente trabalho, analisar o tema “*Globish*: substituto da língua inglesa tradicional como língua franca”, o que será feito por intermédio de pesquisa bibliográfica acerca do tema. Ao longo deste trabalho, objetivou-se entender a expansão do inglês no cenário internacional bem como a necessidade de uma língua franca neste cenário. Uma breve consideração histórica do inglês para entender sua importância na comunicação internacional. Ao entender esse aspecto histórico, verifica-se a dificuldade do aprendizado e da aquisição desse idioma com imensa riqueza cultural e com a necessidade de trabalhar as quatro habilidades. A dificuldade de falar um inglês perfeito, com o foco em uma comunicação clara e simples, dá espaço à discussão do papel do Globish como um novo idioma global. O Globish apesar de utilizar do inglês na sua formação, é outro idioma, limitado e com grandes chances de se tornar uma língua franca eficiente e bastante utilizada, principalmente entre não-nativos da língua inglesa.

Palavras-chave: Globish. Língua franca. Língua Inglesa.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the theme "Globish: substitute of the traditional English language as a lingua franca", which will be done through a bibliographical research on the subject. Throughout this work, the objective was to understand the expansion of English in the international scenario as well as the need for a lingua franca in this scenario. A brief historical consideration of English to understand its importance in international communication. In understanding this historical aspect, one can see the difficulty of learning and acquiring this language with immense cultural richness and the need to work the four skills. The difficulty of speaking perfect English, with a focus on clear and simple communication, gives space to the discussion of the role of the Globish as a new global language. The Globish, despite using English in its formation, is another language, limited and with great chances of becoming an efficient and widely used lingua franca, mainly among non-English speakers.

Keywords: Globish. Lingua franca. English language.

¹ Mestre em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Especialista em Ensino de Inglês e Literatura em Língua Inglesa pelo Centro Universitário Claretiano. Bacharel em Relações Internacionais. Professora de Língua Inglesa. E-mail: carol_senranogueira@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

A língua é uma das mais importantes “conquistas” da humanidade. Por intermédio dela o homem pode conhecer novos pensamentos, novas ideias, como também expressar suas emoções e transmitir sua cultura.

Historicamente percebe-se que as potências universais legam ao mundo sua cultura, incluindo sua língua. Durante o apogeu do mundo greco-romano, Roma e Grécia conquistando novos povos, transmitiram a esses povos suas línguas. Isso aconteceu também com Espanha, Portugal e França, e, atualmente, o inglês é a língua mais difundida mundialmente, em decorrência principalmente do poderio da Inglaterra, e, no século vinte, dos Estados Unidos, hegemonia pós-guerras (Primeira e Segunda Guerras Mundiais).

Nos dias atuais um novo idioma se desenvolve, o *Globish*, o qual surge em assembleias internacionais entre britânicos, norte-americanos, europeus, japoneses, e posteriormente, coreanos. Percebeu-se que a comunicação era mais eficiente entre os grupos que não eram nativos da língua inglesa do que entre nativos e não-nativos (NERRIÈRE; HON, 2011). Assim, Jean Paul Nerrière, ao analisar este fenômeno, desenvolveu um tipo especial de inglês: o *Globish*. Segundo a teoria de Nerrière, essa será a nova *Língua Franca* por ser mais eficiente do que o inglês tradicional. Conforme estabelecem Nerrière e Horn (2011):

A ideia do Globish originou-se desta observação: as limitações nem sempre são um problema. De fato, podem ser úteis, se forem compreendidas. Jean Paul Nerrière foi capaz de perceber que “*se pudéssemos igualar as limitações, seria como se não houvesse limitações alguma*”. Ele decidiu registrar um grupo limitado de palavras e expressões que observou na maioria dos falantes não-nativos. Ele então sugeriu que as pessoas de língua maternas diversas poderiam se comunicar melhor se utilizassem essas limitações cuidadosamente escolhidas. O Globish é essa “base comum”.² (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 55, tradução nossa).

O *Globish* originou-se das limitações. Os falantes não-nativos possuem um grupo limitado de palavras e expressões, mesmo assim é possível fazer com os mesmos possam se comunicar melhor, caso utilizem essas limitações cuidadosamente escolhidas.

Neste sentido, o objeto de estudo da presente pesquisa está bem delimitado, qual seja: o *Globish*. Metodologicamente, consubstanciado em pesquisa bibliográfica, o trabalho está estruturado em três seções, além de introdução, conclusão e referências bibliográficas.

A primeira seção, com o título “*Breves considerações sobre a origem da língua inglesa*”, abordará a origem histórica da língua inglesa, tratando de sua importância e desenvolvimento.

Na seção seguinte, intitulada “*Dicotomia entre aquisição e aprendizagem*”, será realizado um estudo acerca da aquisição e da aprendizagem da língua inglesa.

² “The idea of Globish came from this observation: limitations are not always a problem. In fact, they can be useful, if you understand them. Jean-Paul Nerrière could see that “if we can make the limitations exactly the same, it will be as if there are no limitations at all”. He decided to Record a limited set of words and language that he observed in most non-English speakers. He then suggested that people from various mother tongues can communicate better if they use these carefully chosen limitations. Globish is that “common ground.” (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 55).

A última seção, com o título “*Globish*: um tipo especial de inglês”, a mais importante da pesquisa, adentra ao problema metodológico, ou seja, a pergunta central do trabalho, qual seja: o *Globish* substituirá a língua inglesa tradicional como língua franca?

A hipótese metodológica é a de que o *Globish* realmente substituirá a língua inglesa tradicional como língua franca. Assim, sendo *hipótese*, a mesma pode se confirmar ou não, o que gerará a tese, que será apresentada na conclusão do trabalho.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORIGEM DA LÍNGUA INGLESA

A língua é um sistema verbal que se desenvolve dentro de uma sociedade, sendo a comunicação verbal fundamental para a formação social e cultural de um grupo. Cerca de cem anos atrás os seres humanos tinham a capacidade de se comunicarem em mais de um idioma. Era comum naquele tempo a utilização de uma língua dentro do ambiente familiar e uma outra, a qual denominavam nacional, usada para a comunicação com o restante do mundo.

Com o passar dos anos, a esfera nacional ampliou-se, o mundo agora não se restringia apenas ao âmbito nacional. A indigência de se comunicar com o mundo todo tornou-se forte. Neste mundo, com mais de seis mil idiomas, a comunicação internacional se deparou com um grande problema: qual idioma utilizar? Assim, é preciso estabelecer uma *Lingua Franca*³, um novo idioma que fosse de fácil uso e compreensão e que otimizasse a comunicação entre vários países.

Nestes termos, com o objetivo de criar um idioma simples para facilitar e efetivar a comunicação entre os povos, o médico judeu *Ludwik Lejzer Zamenhof* publica no ano de 1887 uma versão inicial de uma língua artificial denominada *esperanto*. O esperanto foi criado com o objetivo de se tornar uma língua universal, acessível a toda humanidade. Infelizmente não se obteve o resultado esperado, apesar de cerca de três milhões de pessoas falarem esse idioma, esse número é pouco expressivo em um universo de sete bilhões de pessoas.

O fracasso do esperanto recaiu no fato de poucas pessoas conseguirem falá-lo. Hodiernamente, as pessoas falam o seu idioma nacional e aprendem o inglês como segundo idioma. Apesar de não ser o idioma mais falado no mundo⁴, ganhou uma aceitação global e é o responsável pela otimização da comunicação entre diversos povos. A língua inglesa, assim como os Estados Unidos, ganha destaque internacionalmente, entretanto, após seus mil e quinhentos anos de história, não se caracteriza como um idioma de fácil aprendizagem e aquisição.

Conhecida atualmente como *Lingua Franca*, a língua inglesa tem uma história de mais de 1500 anos, tendo surgido dos idiomas falados pelos povos germanos que ocupavam a região da Inglaterra a partir do século V. Sua origem e evolução são caracterizadas em três importantes etapas: *old english* (séculos V ao XI), *middle english* (séculos XI ao XVI) e *modern english* (séculos XVI aos dias atuais):

O Inglês de fato como língua nacional não remonta a mais de 500 anos – tempo considerado curto. Poucos são os registros de língua de povos primitivos que habitaram em território que atualmente é a Inglaterra. A língua dos Celtas, a primeira língua indoeuropeia usada em território inglês, é a primeira de que se tem conhecimento mais seguro. (PIRES, 2000, p. 23).

³ Expressão que denota uma língua global.

⁴ O chinês mandarim é o idioma com o maior número de falantes, seguido pelo hindi e o espanhol.

Com o surgimento desse novo idioma, sua expansão se dá em decorrência de diversos fatores que perpassam setores políticos, econômicos, científicos, sociais e literários. A história revela que diversas questões dessas áreas contribuíram enormemente para a difusão desse idioma pelo mundo.

Em decorrência da Revolução Industrial no século XVII, a Inglaterra fortalece sua hegemonia política e econômica, contribuindo significativamente para expansão de seu idioma. Outro aspecto histórico importante para a disseminação da língua inglesa foi a colonização dos Estados Unidos pela Inglaterra a partir do século XVI, levando sua cultura e seu idioma a esse novo local que se tornaria independente e posteriormente ganharia um papel de destaque no cenário internacional.

Os avanços tecnológicos, científicos, econômicos e literários iniciados na Inglaterra com a Revolução Industrial e a expansão norte-americana nestes setores foram culminantes para a popularização da língua inglesa mundialmente em diversos setores, com destaque na invenção dos computadores e em seguida da internet. Deste modo:

Estava selada a vocação de força e de predominância do idioma inglês que viria séculos depois a ser mundialmente conhecido, estilizado e falado por todos os países desenvolvidos ou não, em virtude da sua simplicidade, caráter prático e aplicação no desenvolvimento tecnológico. Desde os primeiros passos para as invenções das primeiras máquinas – antecedendo a Revolução Industrial até aos mais sofisticados sistemas de telecomunicações de hoje – a língua inglesa passou a ser o elo nas informações relacionadas com as constantes descobertas e evolução da tecnologia; tanto no campo científico como nos círculos sociais do mundo civilizado. (PIRES, 2000, p. 24-25).

Assim, a aquisição e aprendizagem desse segundo idioma que ganhou destaque no cenário político-econômico internacional possibilita a melhoria na capacidade de comunicação e de coesão de diferentes grupos, integrando os países e seus cidadãos. Assim, a aceitação do inglês na condução da comunicação dessa nova *aldeia* global, geral uma questão em termos da sua aquisição.

Esse idioma é de difícil aprendizado, com um vocabulário vasto e uma pronúncia singular, as pessoas enfrentam uma grande dificuldade no que se refere ao seu aprendizado e à sua aquisição. Um novo problema surge com relação à comunicação internacional: qual é o melhor método, a melhor abordagem quanto ao aprendizado e aquisição desse idioma que se consagrou globalmente. A questão a ser levantada não é mais o quão importante é essa nova língua, ponto superado, mas sim os aspectos que norteiam seu ensino.

3 DICOTOMIA ENTRE AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM

Ao se ater ao aspecto pedagógico do estudo e ensino do inglês, perceber-se-á a relevância da compreensão e do estudo no que se refere à aquisição e à aprendizagem. Com o objetivo claro de analisar esses dois aspectos e a relação existente entre eles, é válido, primeiramente, defini-los. O Dicionário Eletrônico *Michaelis* define *aprendizagem* da seguinte maneira:

Sf (aprendiz+agem) **1** Ação de aprender qualquer ofício, arte ou ciência. **2** O tempo gasto para aprender uma arte ou ofício. **3** *Psicol* Denominação geral dada a mudanças permanentes de comportamento como resultado de treino ou experiência anterior; processo pelo qual se adquirem essas mudanças. *Var: aprendizado.*

Segundo o referido Dicionário, *aquisição* possui a seguinte definição, “*sf (lat acquisitione) 1* Ato ou efeito de adquirir; compra, aquisição. *2* A coisa adquirida.” Ao analisar os significados dos termos propostos, entende-se que existe uma diferença substancial quanto aprender um idioma, no caso um segundo idioma, e quanto adquirir o mesmo. Entende-se, assim, a existência de uma dicotomia entre a aquisição e a aprendizagem. Com o intuito, ainda, de esclarecer a relação entre esses dois processos, cabe também definir:

Sf (dico+tomo²+ia¹) 1 Classificação em que se divide cada coisa ou cada proposição em duas, subdividindo-se cada uma destas em outras duas, e assim sucessivamente. *2* Divisão em dois ramos. *3* Divisão de um gênero em duas espécies que absorvem o total. *4* Fase da Lua em que esta apresenta metade do seu disco. *5 Bot* Ramificação por bifurcamento, feita, quando típica, no ponto vegetativo. *6 Teol* Princípio que afirma a existência única, no ser humano, de corpo e alma. *7* Repartição dos honorários médicos entre o médico assistente e outro especialista chamado por este.

Verifica-se que tanto a aprendizagem quanto a aquisição são processos mentais diferentes. Esse aspecto do ensino de uma língua estrangeira ajuda a tornar o ensino mais efetivo e concreto. Nestes termos, a *aprendizagem* consiste num processo planejado e consciente, resultado de um estudo prolongado e pragmático.

Além disso, esse procedimento é fruto de um desenvolvimento obtido por intermédio de um estudo formal e consciente. Essas duas características permeiam a ideia de aprendizado pragmático. Em um processo de aprendizado várias atividades e exercícios devem ser realizados de maneira mecânica e constante.

Primeiramente, o aluno ao estudar uma língua estrangeira precisa aprender gramática e um número razoável de palavras e expressões para conseguir se comunicar, sendo através desse estudo formal de acúmulo de informações que será possível aprender e desenvolver a nova língua, no caso o inglês.

É fundamental que haja esse acúmulo de conhecimento para que o aluno atinja a capacidade de comunicação através da utilização dessa bagagem de conhecimento obtido durante todo o tempo de um estudo formal e consciente desse novo idioma. Deste modo, o aluno estuda um segundo idioma bem como estuda as demais matérias escolares, não vive o que apreende, apenas reproduz aquilo que lhe foi ensinado objetiva e sistematicamente. O inglês torna-se parte do conteúdo programático dentro do currículo escolar obrigatório em diversos países, bem como no Brasil.

Não obstante, a aquisição de um segundo idioma ocorra através de um processo automático e espontâneo, o aluno não tem consciência dessa aquisição, existindo uma internalização do idioma de maneira natural. A imersão em uma segunda língua viabiliza a utilização da mesma naturalmente, ansiando, por conseguinte, um contato direto com o idioma para possibilitar sua assimilação, facilitando esse processo, através da imitação e de interação intensa. Uma vez que a língua inglesa é um idioma de difícil aquisição, é preciso intensificar seu estudo através da imersão.

Um exemplo comum é o fato de muitas pessoas viajarem para países que possuem como primeira língua o inglês. Neste contexto, ao estar imerso em um ambiente e na cultura dessa língua estrangeira, com o tempo, a pessoa assimila e reproduz o mesmo sem haver, necessariamente, um estudo formal e científico. Isso acontece porque a pessoa interage em situações e convive com o estrangeiro, ouvindo e se comunicando o tempo todo e, assim, sendo capaz de armazenar e utilizar estruturas, de modo natural.

Outro exemplo comumente descrito é a comparação entre a aquisição da língua materna com a aquisição do inglês, como acontece com as crianças. As crianças, nos seus primeiros anos, não aprendem de maneira formal, mas sim por assimilação e imitação. Morosov e Martinez (2008), ao ponderarem a respeito da dicotomia existente neste aspecto do ensino de uma língua estrangeira, esclarecem:

A aquisição e a aprendizagem de uma LE⁵ ocorrem de maneiras diferentes. Enquanto a aquisição é um processo natural, inconsciente, semelhante ao que ocorre com uma criança ao adquirir sua L1⁶, a aprendizagem corresponde ao processo formal e consciente de estudo, análise de estruturas, realização de exercícios e atividades na aula de LE. Como a aprendizagem ocorre de maneira consciente, tudo aquilo que é aprendido funciona como monitor para realizar as correções das estruturas da língua até que a produção se torne correta naturalmente. A aprendizagem de uma LE segue uma ordem que é muito semelhante à aquisição de L1. Determinadas formas gramaticais, por exemplo, só serão adquiridas com certo tempo de estudo e contato com a língua, por mais simples que possa ser. Assim, apreender determinada forma ou estrutura da língua não significa produzir tais formas, pois a produção natural só acontece depois que aquisição ocorrer. (MOROSOV; MARTINEZ, 2008, p. 37).

Desta forma, ao analisar as dicotomias apontadas entre aprendizagem e aquisição, entende-se que esses dois processos que representam dois sistemas de interiorização do conhecimento da língua inglesa são distintos, porém, se complementam. Aprender formalmente ajuda no processo de aquisição e vice-versa, aprender ajuda a adquirir, e adquirir ajuda a aprender.

Um exemplo, também comum, é a situação dos cursos de Letras. Os alunos aprendem a língua de maneira estrutural, formal, mas não são imersos em um ambiente no qual esse idioma se estabelece. Assim, percebe-se que esses alunos tiveram o aprendizado, mas não a aquisição do inglês que lecionarão futuramente. Nestes termos, a Teoria de Stephen Krashen da aquisição da segunda língua é fundamental para que se tenha um ensino eficiente, entretanto, a habilidade adquirida anseia o desenvolvimento do conhecimento para que a fluência tenha proficiência.

Deste modo, o ensino da língua inglesa tornou-se algum comum e essencial não apenas no Brasil, mas também no mundo inteiro. O grande problema é que esse idioma apesar de bastante comum atualmente, não é fácil de ensinar e tão pouco de apreender. Caracteriza-se como sendo uma língua de constante mutação e de complicada pronúncia. Muitas pessoas que falam, não conseguem pronunciar corretamente e não conseguem obter a fluência e a proficiência esperadas.

4 GLOBISH: UM TIPO ESPECIAL DE INGLÊS

A discussão entre a aquisição e aprendizagem da língua inglesa é importante porque a mesma tem um destaque no cenário internacional, uma vez que é o idioma escolhido para diversas discussões e para a comunicação entre pessoas de diferentes nacionalidades. Sua aquisição e aprendizagem encaram desafios, apreender essa língua franca encontrou diversos graus de dificuldades. Muito se discute a questão da metodologia, objetivando a fluência e a capacidade de se comunicar de maneira integral e eficiente. Todavia, esse idioma é complexo e sofre muitas mudanças no decorrer do tempo, além do aspecto cultural que dificulta a internalização de certas expressões.

⁵ Língua Estrangeira.

⁶ Língua Materna.

As discussões em diferentes áreas acontecem através do uso da língua inglesa, pessoas de diferentes nacionalidades, ao se reunirem, utilizam desse idioma para se comunicarem, discutirem importantes questões e fecharem diversos acordos. Deste modo, é preciso que todos consigam se comunicarem efetivamente, para que equívocos, que poderiam ser custosos, não aconteçam. É preciso que as pessoas consigam não somente falar, mas também, ler, entender e escrever. As quatro habilidades são fundamentais para que importantes questões internacionais não enfrentem a barreira da má compreensão. É preciso ir muito além da fala, as outras três habilidades são substanciais em termos de uma boa comunicação entre as pessoas.

Ao estudar o idioma inglês, verificou-se a importância e a necessidade de trabalhar e aperfeiçoar as quatro habilidades: ler, escrever, entender e falar. Cada uma delas é igualmente importante e se complementam, sendo importantes para que a pessoa consiga atingir uma proficiência e seja capaz de se comunicar de maneira efetiva. Assim, Florinda Scremin Marques (2012) elucida:

Todas as habilidades comunicativas devem ser trabalhadas em sala de aula. Nenhuma delas é mais importante que a outra e desenvolver as quatro é fundamental para o completo preparo dos alunos, já que não sabemos qual delas lhes será necessária no futuro. É de responsabilidade da escola preparar o cidadão da melhor e mais abrangente forma possível. (SCREMIN, 2012, p. 54).

Falar, ler, escrever e ouvir são habilidades fundamentais não que se refere à aquisição da língua inglesa como de qualquer outro idioma, a comunicação inevitavelmente perpassa entre essas quatro habilidades. Todavia, requer muito esforço, dedicação e um custo alto. Uma pessoa disposta a ter o domínio de outro idioma, terá que disponibilizar um tempo considerável e mesmo assim não conseguirá falar como um nativo. A dedicação precisa ser intensa uma vez que muitas pessoas não foram alfabetizadas em uma língua que tem ganhado grades adeptos e se popularizou no mundo, e ainda sofre constantes atualizações, é uma língua viva e complexa.

Nestes termos, com cada vez mais pessoas de vários lugares falando inglês, percebeu-se que a comunicação entre os não-nativos acontecia de forma mais eficiente. O mesmo não acontece com os nativos da língua inglesa ao estabelecerem um diálogo com os não-nativos. Isso ocorre, porque de acordo com que foi exposto por Jean-Paul Nerrière e David Hon (2011), os não-nativos da língua inglesa possuem maior empatia quanto à pronúncia e utilização de estruturas simples e de fácil entendimento em comparação com as pessoas nativas.

Os nativos da língua inglesa não possuem a mesma empatia e comumente utilizam expressões que apenas nativos entenderiam, expressões idiomáticas e culturais bem como estruturas gramaticais complexas. Ter o inglês como primeiro idioma tornou-se algo cômodo, acreditando que os demais que não o tem que precisam se empenhar para viabilizar a conversação. Assim, os mesmo ao acreditarem que dominam o idioma, não procuram entender os diferentes sotaques, dificultando muitas vezes rodadas de discussões. Para eles os demais que precisam entendê-los e aprender bem o inglês e não os nativos se preocuparem em utilizar um conteúdo mais simples para se fazerem entendidos, não buscam um senso comum. Nerrière e Hon (2011) claramente expõem essa questão ao descreverem um de frequente ocorrência em discussões internacionais:

[...] um português fala inglês com falantes não-nativos mais frequentemente. Todos tem sotaques estranhos. Seus ouvidos tornam-se solidários. Ele aprende a ouvir e compreender, e a não se confundir com o sotaque. Aprende a entender um coreano, um escocês ou um neozelandês com fortes sotaques locais. E aprende a entender as pronúncias de outros que

estão aprendendo o inglês. Com frequência, ele entende os diferentes sotaques muito melhor do um falante nativo⁷. (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 33-34, tradução nossa).

Conforme exposto, a complexidade em conseguir se comunicar igual ao um nativo de língua inglesa esbarrou-se na possibilidade em simplificar o idioma para que mais pessoas adquirissem a capacidade de aquisição e comunicação. Ao se utilizar o idioma de maneira mais simples e bem menos rebuscada, facilitar-se-á a compreensão de todos. O foco, então, está na compreensão entre as pessoas e não na utilização perfeita de vocábulos e estruturas gramaticais.

Todavia, outro problema emerge quanto à comunicação. Por mais que todos se esforcem para simplificar a comunicação e torná-la mais clara e objetiva, e o sotaque de cada um? Como minimizar o sotaque? De acordo com Nerrière e Hon, a pessoa que não é nativa sempre vai ter um sotaque, isso é inevitável. Assim, por mais que se utilizem palavras e estruturas simples, a pronúncia pode caracterizar-se como sendo um problema, porque se depende da mesma para concretização da compreensão. Todavia, conformem estabelecem Nerrière e Hon (2011), isso pode não ser exatamente assim, não quer dizer que isso seja ruim ou um fator de grande stress:

Mas eis aqui a boa notícia: seu sotaque precisa a ser apenas “compreensível” [...] não perfeito. Os estudantes de inglês com frequência precisam parar e pensar sobre o que estão fazendo. É prudente lembrar-se de indagar: de quanto inglês necessito? Preciso mesmo de todas as palavras requintadas e da pronúncia perfeita? Talvez não...⁸ (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 39-40, tradução nossa).

O que se defende é o fato de que falar e utilizar um inglês simples não significa utilizar um inglês ruim. Se o objetivo é a comunicação, então, não importa a qualidade e a riqueza de vocábulos utilizados, e sim, a capacidade de ser compreendido com eficiência e clareza com ou sem sotaque. As pessoas anseiam pela efetividade na comunicação e otimização da mesma, sem levar em consideração o nível e grau de inglês utilizado, não é preciso querer falar igual ao um nativo.

Falar um inglês correto significa utilizar palavras inglesas comuns em frases razoavelmente bem dotadas de sentido. Evidentemente, todos cometem erros de vez em quando, mas um bom objetivo é dizer as coisas de um modo correto utilizando palavras simples. Isto torna mais fácil dizer coisas que sejam úteis⁹. (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 41-42, tradução nossa).

De acordo com a teoria proposta por Nerrière e Hon, o *Globish*, um novo idioma, tornar-se-á futuramente o que se almejou com o *esperanto*: uma língua franca. E isso acontecerá simplesmente pelo fato de o *Globish*, como anteriormente mencionado, ser um tipo especial de inglês. Isso significa que não há necessidade de apreender o inglês de forma intensa e exaustiva, bem como decorar diversas expressões idiomáticas e culturais para conseguir viajar, estudar e se fazer entendido por pessoas do mundo inteiro. Com apenas um número reduzido de palavras e estruturas

⁷ “[...] a Portuguese man speaks English most often with non-native English speakers. They all have strange accents. His ears become sympathetic. He learns to listen and understand and not be confuse by the accent. He learns to understand a Korean, a Scotsman or a New Zealander with strong local accents. And He learns to understand the pronunciations of others learning English. Often, he understands accents much better than a native English speaker.” (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 33-34).

⁸ “But here is the good news: Your accent just needs to be “understandable” [...] not perfect. Learners of English often need to stop and think about what they are doing. It is wise to remember to ask: how much English do I need? Do I need all the fine words and perfect pronunciation? Perhaps not...” (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 39-40).

⁹ “Correct English means using common English words in sentences that have reasonably good meanings. Of course, everyone makes mistakes now and then, but a good goal is to say things in a correct way using simple words. This makes it easier to say things that are useful.” (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 41-42).

gramaticais, pode-se estabelecer uma comunicação eficiente e de qualidade, e o objetivo principal ser alcançado: a comunicação. De acordo com Nerrière e Hon (2011):

Os especialistas dizem que a maioria dos falantes nativos utilizam apenas cerca de 3.500 palavras. Os falantes bem instruídos podem conhecer muitas palavras a mais, contudo, utilizam, provavelmente, apenas cerca de 7.500. Está demonstrado que até falantes nativos com alto grau de instrução dizem 80% do têm a dizer com apenas 20% de seu vocabulário. Isto é apenas um bom exemplo de uma lei universal chamada de “princípio de Pareto”, nome de seu inventor parisiense. O princípio de Pareto afirma: para todas as coisas que acontecem, 80% dos resultados provêm de 20% das causas. Assim, 20% do vocabulário de 7.500 palavras de um falante nativo instruído equivale a ... 1.500. Deste modo, com 1.500 palavras é possível que você se comunique melhor que o falante nativo mediano, e talvez tão bem quanto o falante nativo bem instruído – para 80% das ideias. Para os 20% restantes, em Globish pode-se utilizar uma definição em substituição. Você não dirá “meu sobrinho”, já que isto poderia ser muito difícil em muitos países que não sejam de fala inglesa. Em vez disso, você dirá: “o filho do meu irmão”.¹⁰ E estará tudo bem. (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 44, tradução nossa).

Deste modo:

O Globish é o idioma global, o idioma que as pessoas de todos os lugares podem falar. “Globish” é um nome para indicar que há limites que todos podem aprender. Há um claro conjunto de coisas que precisam aprender. E, quando tiverem aprendido, estarão prontos. Neste terreno intermediário do Globish, a língua é equiparada. [...] O Globish será um idioma estrangeiro para todos, sem exceções. Não é “inglês defeituoso”. É uma outra versão do inglês com a qual nenhum falante nativo nasceu¹¹. (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 61, tradução nossa).

Ao analisar a proposta de Nerrière e Hon de que o Globish, um tipo especial de inglês, será futuramente a língua franca de que todos anseiam e precisam. Isso acontecerá segunda sua teoria, pelo fato, como já exposto, um nativo da língua inglesa bem instruído utilize diariamente apenas aproximadamente vinte por cento do seu vasto vocabulário. Isso significa que ele usa apenas umas mil e quinhentas palavras para se comunicar e ser compreendido (NERRIÈRE; HON, 2011). Não é preciso de muita coisa para que todos possam se comunicar e entender uns aos outros.

A proposta, então, é de que se todos, independentemente da nacionalidade, apreendessem uma lista contendo as mil e quinhentas palavras mais importantes bem como algumas estruturas gramáticas bem simples, conseguiriam se comunicar de maneira eficiente e clara. Para que essa proposta tenha o êxito esperado, é preciso que todos se adequem e se limitem, empregando apenas o Globish. Essa é uma questão importante segunda essa teoria, é preciso que todos se esforcem e se limitem.

¹⁰ “Experts say most native English speakers use only about 3,500 words. Well-educated speakers may know many more words but probably only use about 7,500 words. It is demonstrated that even native speakers with high education say 80% of what they have to say with only 20% of their word-wealth. This is only one good example of a universal law called the “Pareto Principle”, named after its Paris-born inventor. The Pareto Principle states: For all things that happen, 80% of the results come from 20% of the causes. So, 20% of the educated native speaker’s 7500 word wealth is [...] 1500. So with 1500 words, you may communicate better than the average native English speaker, and perhaps as well as the highly-educated one – for 80% of the ideas. For the 20% left over, in Globish you can use a definition instead. You will not say “my nephew”, as this could be too difficult in many non-English speaking countries. You will say instead: “the son of my brother”. It will be all right.” (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 44).

¹¹ “[...] Globish is the global language, the language people everywhere can speak. Globish is a name to say that there are limits which everyone can learn. There is a clear set of things they need to learn. And when they learn them, they are done.” (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 61). “Language is equal on this Globish middle ground. [...] Globish will be a foreign language to everyone, without exception. It is not “broken English.” It is another version of English to which no native English speaker was born.” (NERRIÈRE; HON, 2011, p. 61).

Assim, até as pessoas que foram alfabetizadas em inglês precisarão aprender esse novo “idioma” e se adequar dentro desses limites, o objetivo não é o domínio do idioma, mas ser capaz de se fazer compreender, conseguir estabelecer uma comunicação simples que todos entendam sem dificuldade.

5 CONCLUSÃO

A comunicação é um dos mais importantes mecanismos de desenvolvimento, seja intelectual ou técnico, da civilização, como também é, muitas vezes, fator de desagregação. Além do que, quando realizada de modo insatisfatório, pode gerar discórdia e desentendimentos. Por isso, é assunto tão importante e ao mesmo tempo tão complexo.

Apesar de seres vários os idiomas falados mundialmente ao longo da civilização, alguns ocuparam a posição de hegemona. No passado foi o grego, o latim, o francês. Nos dias atuais, a língua inglesa assumiu o papel de língua oficial do mundo comercial, intelectual e tecnológico. Essa língua oficial, inicialmente difundida em sua modalidade tradicional, vem passando por modificações, criando tipos especiais, como é o caso do Globish, objeto de pesquisa por intermédio do presente trabalho.

O objetivo deste artigo foi analisar se o Globish, esse tipo especial do inglês, tornar-se-á a nova língua franca como se pretendeu com o *esperanto*. Conforme o estudo realizado e de acordo com a teoria proposta de Nerièrre e Horn, o inglês já é uma língua bem difundida e utilizada entre diferentes nacionalidades como uma língua comum. O grande impasse do inglês é justamente a dificuldade de sua aquisição por conter muitas palavras e uma gramática complexa, além das inúmeras expressões idiomáticas e das gírias. Agregado a isso, tem-se a questão de a língua estar em constante atualização e mutação.

Aprender uma língua que seja derivada desse idioma já tão bem difundido é bem mais fácil. Uma vez que não é algo novo, vindo do zero como aconteceu com o *esperanto*, que foi uma língua imposta. A teoria que se defende aqui é justamente o uso de uma língua já existente e já muito empregada em diversas áreas do conhecimento e da política. O Globish, apesar de um novo idioma, segundo o seu “criador”, tem uma raiz. Um aspecto relevante com relação ao estudo e aquisição desse idioma é o seu custo e o tempo investido, como é um idioma menos rico, as pessoas poderão aprender rapidamente com um custo bem reduzido, sem precisar se dedicar intensamente.

Ao aprender o Globish, as pessoas sabem exatamente até onde elas vão estudar, uma vez que seu conteúdo é limitado. É um aprendizado com limite, não se anseia por uma busca pela perfeição. O objetivo é uma comunicação ágil e eficaz.

O número de falantes da língua inglesa não-nativos é maior do que os falantes nativos, isso pode acarretar em várias transformações na língua, palavras podem ser esquecidas e outras criadas, não respeitando aspectos culturais. Por essa razão, o Globish se torna fundamental quanto à preservação da cultura de cada idioma, uma vez que não tenta competir com nenhum deles já que se encontra livre de características culturais.

O que a teoria de Nerièrre defende é que o Globish é apenas a ferramenta para a comunicação global que não substituirá o inglês, mas ao tornar uma língua franca será capaz de preservar o inglês. Ele é ágil e necessário para acompanhar a evolução da sociedade, ocasionada pela civilização tecnológica e cibernética, e tradicional o suficiente para manter as bases linguísticas mais importante do idioma inglês.

Em conclusão, apesar de não substituir totalmente a língua inglesa tradicional, o Globish, como língua franca, assumirá cada vez mais um lugar mais importante na sociedade contemporânea, tornando mais ágil e fácil a comunicação entre os diversos povos existentes na humanidade.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2007.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO MICHAELIS. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 2 set. 2015.

FERRO, Jeferson. **Around the world**: introdução à leitura da língua inglesa. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FRIZZO, Celina Eliana. **O processo de aquisição e aprendizagem de línguas e o bilinguismo**. Ijuí: Unijuí, 2013.

LIMA, Thereza Cristina de Souza; KOPPE, Terezinha Carmen. **Inglês básico nas organizações**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

MARQUES, Florinda Scremim. **Ensinar e aprender inglês**: o processo comunicativo em sala de aula. Curitiba: Intersaberes, 2012.

MOROSOV, Ivete; MARTINEZ, Juliana Zeggio. **A didática do ensino e a avaliação da aprendizagem em língua estrangeira**. Curitiba: IBPEX, 2008.

NERRIÈRE, Jean Paul; HON, David. **Globish**: the world over. São Paulo: Bazar, 2011.

PIRES, Eliane Cristine Raab. **A língua inglesa**: uma referência na sociedade da globalização, Disponível em: <<file:///C:/Users/Marcio/Documents/67%20-%20A%20%C3%ADngua%20inglesa.pdf>>. Acesso em 25 set. 2015.

SCHÜTZ, Ricardo. **Assimilação natural x estudo formal**. Disponível em <<http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>>. Acesso em 2 set. 2015.

WALESKO, Angela Maria Hoffman. **Compreensão oral em língua inglesa**. Curitiba: Intersaberes, 2012

WEISZ, Telma; SANCHEZ, Ana. **O dialogo entre ensino e aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009. (Palavra de professor)